

DINO D'SANTIAGO ENTRE RAÍZES E LIBERDADES SONORAS

FUNANÁ IS THE NEW FUNK



CATARINA BARROS SILVA

ARENA

Ao Dino D'Santiago

ÍNDICE

Prefácio	9
Introdução: Sons que contam histórias	15

CAPÍTULO 1

Eu sou, tu és, ele é... escravo do passado	21
1.1. A descendência e outros pretéritos	23
1.2. Rotas urbanas e percursos humanos: os diálogos através do <i>hip-hop</i>	31
1.3. A História herdada é a História cantada	40

CAPÍTULO 2

#NÃOÉSONHONENHUM: trajetos, transcursos e experiências sonoras	57
2.1. A via e valia da <i>Operação Triunfo</i>	59
2.2. Dos Expensive Soul aos Nu Soul Family e outras travessias criativas	62
2.3. Entre a condição do real e a ânsia da existência: o álbum <i>Eu e os Meus</i>	70

CAPÍTULO 3

Cabo Verde, terra querida; Portugal, terra estimada: um despertar de alma, um manifesto de consciência	75
3.1. <i>Eva</i> . Da memória e da pós-memória cabo-verdianas	77
3.2. O passo transcendente de <i>Mundu Nôbu</i>	89

3.3. <i>Sotavento</i> : viagem e expansão	100
3.4. <i>Kriola</i> é uma nação misturada: quase sempre preta, usualmente branca	108
3.5. Sob o espanto e a resistência, sobre o belo e a resiliência: <i>Badiu</i>	122
3.6. Vozes da Lusofonia: uma conversa entre Portugal e Brasil	134

CAPÍTULO 4

Colocar o bairro no mundo e as especificidades dos projetos artístico-musicais	151
4.1. Sou Quarteira	153
4.2. Lisboa Criola	161
Epílogo: Ritmos do futuro	171
Notas	177
Referências	195
Referências bibliográficas	197
Referências web	203
Discografia e registos sonoros	211
Agradecimentos	213
Anexo: Participação de Dino D’Santiago no <i>hip-hop</i> português	217

PREFÁCIO

Em 2021, chegou-me uma notícia como quem recebe um chamado do próprio destino. Alguém me disse que havia uma investigação acadêmica a decorrer sobre a minha trajetória na música e na cultura portuguesa. O que senti não foi um simples orgulho, mas algo mais profundo, como se o mundo finalmente olhasse para mim e, ao olhar, reconhecesse a verdade dos meus passos. Para mim, isso era mais do que uma investigação. Era uma prenda do Universo. E não só para mim, mas para os meus pais, Andreza e Jorge, cujas vidas se entrelaçam com a minha de uma forma que nenhum estudo, por mais rigoroso, poderia capturar por inteiro.

E, no entanto, aqui estava ela, a Catarina Barros Silva, a contar essa história. A escrever sobre a nossa luta, o nosso sonho, a nossa sobrevivência, com uma sensibilidade que me fez acreditar que, afinal, até as cicatrizes podem ser matéria de estudo, que o caminho, por mais tortuoso, tem um sentido.

Lembro-me daquele 9 de novembro de 2023 como se fosse hoje. Os meus pais, que nunca tinham posto os pés numa universidade, sentaram-se numa sala de aula, rodeados de paredes que, durante tanto tempo, pareciam inacessíveis. Entraram como se atravessassem um portal para um mundo

ao qual sempre pertenceram, mas do qual a vida lhes tinha roubado o direito de participar. E eu, ao vê-los ali, naquele lugar de conhecimento, senti uma onda de emoções que quase me afogou. A minha mãe, sempre com o seu sorriso, como quem carrega na alma um segredo que o tempo ainda não revelou; e o meu pai, com o seu olhar de quem sempre soube que estava destinado a algo mais. Ele, que em Cabo Verde era o melhor aluno da sua turma, mas cujas oportunidades foram roubadas por um destino que, na altura, não era gentil com quem nascia como ele. Como nós.

Os colegas dele, os que tiveram mais sorte, tornaram-se juízes, presidentes de câmara. Mas ele, o meu pai, ficou com as mãos cheias de sonhos por realizar. Eu sei que isso o marcou. Sei que carregou essa ausência como quem carrega uma sombra que nunca o deixou descansar. Mas ali, naquela sala, enquanto a Catarina apresentava a sua dissertação — sobre mim, sobre nós —, vi algo no rosto dele que nunca tinha visto antes. Um orgulho silencioso, contido, como a terra que sabe que, mais cedo ou mais tarde, a chuva vai chegar.

E foi ali, naquele momento, que percebi: esta história não é só minha. É nossa. A nossa luta, a nossa resistência, o nosso silêncio, finalmente foram transformados em palavras, em páginas, em algo que outros vão ler, estudar, analisar. E, por mais que eu queira dizer que não me importo, que o que faço não precisa de validação, a verdade é que essa validação tem um peso que só quem viveu sem ela pode entender. Eu cresci sem ouvir que o que fazia era bom. Cresci sem sentir que as minhas conquistas eram motivo de celebração. Mas hoje, ao escrever estas linhas, sei que

estar aqui, ser objeto deste estudo, desta obra, é uma vitória que não consigo descrever sem me emocionar.

O Funaná, o ritmo da nossa terra, que tantas vezes foi visto como algo marginal, tornou-se o novo funk. Espalhou-se pelo mundo. E, de certa forma, eu, com todos os que vieram antes de mim — Kodé di Dona, Os Tubarões, Katchás, Bulimundo, os Ferro Gaita — fizemos parte dessa jornada. Uma jornada que começou muito antes de nós, nas ruas de Cabo Verde, nas vozes daqueles que cantaram a sua dor e a sua alegria, e que hoje ecoa em continentes que nunca imaginaram ouvir o seu som. A nossa música tornou-se universal. E eu, por mais que tente ser humilde, orgulho-me de ter feito parte desse movimento.

A Catarina, que começou esta investigação já conhecendo tanto sobre a minha vida, trouxe-me algo que nem eu sabia que precisava. Através das suas perguntas, dos seus textos após os concertos, dos momentos que partilhámos nos bastidores, ela mostrou-me a profundidade do meu próprio caminho. E, ao fazê-lo, fez-me olhar para mim mesmo com novos olhos. Pela primeira vez, talvez, comecei a aceitar que sim, conquistei. Subo ao palco com a minha música, mas também com o peso da minha história, da nossa história.

Por isso, este livro não é só sobre mim. É sobre todos nós. Sobre aqueles que, como os meus pais, carregaram o mundo nos ombros sem nunca reclamar. Sobre os que vieram antes de nós, que cantaram o Funaná quando o mundo ainda não estava a ouvir. E sobre os que virão depois, inspirados por esta jornada, para que nunca mais tenham de caminhar sozinhos.

Este momento é uma celebração, uma ponte erguida entre o sonho e a realidade. E é impossível não invocar o nome de Lúcia Garcia, que sempre caminhou ao meu lado, sempre acreditou. Ela sonhou, talvez antes de mim, em ver esta obra — esta jornada que é tanto minha quanto dela — eternizada na Academia. Obrigado, Lúcia, por esta aliança, por acreditares que o impossível é apenas o possível ainda não conquistado.

Agradeço também ao Jorge Silva e à sua equipa, que pegaram neste trabalho académico com a delicadeza de quem segura um cristal, cuidando de cada palavra, de cada detalhe, até o transformar neste livro que agora chega ao mundo. Um livro que nasceu na Arena, selo da Penguin Random House, uma editora que desde sempre admirei, tanto pelo rigor do seu catálogo, como pela beleza de cada obra que traz à luz. É uma honra ver este sonho nas suas mãos.

E há algo de mágico no caminho que se abriu para nós. A primeira porta onde bati foi aquela que se abriu com um sorriso. Não houve resistência, apenas uma vontade genuína de acolher este livro que é parte de mim. Saber que o meu trabalho encontrou uma casa que o abraçou com tanto carinho foi, e continua a ser, uma alegria profunda. Este livro, agora no mundo, é uma prova viva de que os sonhos se podem tornar realidade — com as mãos certas e com o coração no lugar certo.

Nu sta djuntu.

Nu bai.

DINO D’SANTIAGO

Lisboa, 18 de setembro de 2024.

INTRODUÇÃO

**SONS
QUE CONTAM
HISTÓRIAS**

Quando me propus escrever sobre Dino D’Santiago estava familiarizada com aquilo que mediaticamente era transmitido sobre o músico. Já tinha ouvido as canções «Kriolu», «Como Seria» e «Nova Lisboa», e acompanhava também as suas comunicações e ideias, principalmente através de entrevistas e das suas redes sociais, onde partilha algumas reflexões. Não obstante, o discurso proferido por Dino D’Santiago nos Play — Prémios da Música Portuguesa, em 2022, foi o catalisador para uma maior apreciação e exploração da sua obra. Aí, o músico não foi apenas reconhecido pelo seu talento, pois venceu o Prémio da Crítica, mas teve também a oportunidade para partilhar os valores e as ideias que sustentam o seu compromisso com a prática artística. Naquele momento, Dino D’Santiago dirigiu-se aos seus colegas de profissão e pronunciou-se acerca da conquista: «Nós fazemos parte de um tempo e devemos refletir esse tempo, devemos escrever sobre o que acontece. Não podemos ser indiferentes ao que acontece no mundo, não podemos ser indiferentes ao que acontece noutros países, e enquanto houver guerras, enquanto houver fomes, todos nós fazemos parte dessa equação, como culpados ou como inocentes.» Rapidamente percebi que

Dino D’Santiago quis sublinhar a importância de cada músico ser um reflexo ativo do seu tempo, destacando a responsabilidade coletiva no que concerne à promoção de valores que têm o potencial de inspirar mudanças e catalisar ações concretas em direção a uma consciencialização mais profunda das partes constitutivas e identitárias que compõem as expressões artísticas.

Ao explorar mais profundamente a obra do músico após o discurso entendi que a sua produção artística é um veículo de mensagens em que cada letra carrega uma intenção clara de provocar reflexões e de promover diálogos sobre as realidades a partir das quais comunica. Compreendi que as camadas que entrelaçam as suas criações musicais redescobrem a ligação entre Portugal, território onde Dino D’Santiago nasceu, e Cabo Verde, a sua terra ancestral. Esse vínculo desdobra-se de forma intrincada e multifacetada, atravessando tanto o passado quanto o presente dessa relação, e a sua produção artística serve como uma ferramenta fundamental para descrever e reler as narrativas decorrentes de uma história colonial que deixou marcas profundas em Portugal. Ao mergulhar nos álbuns *Eva*, *Mundu Nôbu*, *Kriola* e *Badiu* concluí que a expressão artística de Dino D’Santiago ilustra não apenas a sua disposição interna, mas reflete também as crenças e os desafios presentes no tempo e no espaço que o moldam e influenciam. As obras apontam para a existência de espaços-tempos partilhados, onde diferentes influências convergem de forma funcional, revelando produções musicais que transcendem as noções de continuidade ou acumulação e atuam como flexíveis, transversais e formadas pelo interior de múltiplas

expressões e formas¹. Ao coincidir diferentes movimentos culturais e artísticos, Dino D’Santiago ressignifica paradigmas sociais, dá voz e visibilidade a narrativas que permaneceram historicamente silenciadas e explora novas identidades que reconhecem e celebram a multiplicidade de influências que as compõem. Os processos envolvem a mediação e a negociação contínuas entre memórias, pós-memórias e a expressão multifacetada das suas vivências, onde o músico utiliza referenciais simbólicos e perspectivas representativas para assumir uma condição intrinsecamente relacional e coincidente com as mesmas² — a observação direta e a entrevista semiestruturada foram cruciais na exploração e no reconhecimento da complexidade e fluidez de influências e matérias³. Nesse sentido, através de um acordo de diferenças, Dino D’Santiago reveste de novos usos a ligação entre Portugal e Cabo Verde, assumindo uma responsabilidade crítica com a reinterpretação, reconstrução e representação das condicionantes sociais e históricas subjacentes. No entanto, mais do que um reflexo de formações sociais e históricas alargadas, a sua música é encarada como reprodutora e reconstrutora de significados e, conseqüentemente, como um importante terreno onde as mudanças se articulam.

A cidade de Lisboa é o lugar a partir do qual Dino D’Santiago reporta os indícios de mudança e oferece a possibilidade de transformação do futuro. A Lisboa que denomina de «Nova» destaca-se pela diversidade de fluxos e pela singularidade dos encontros que motivam a reinterpretação dos vínculos entre Portugal e Cabo Verde e estimulam o entendimento acerca dos processos de hibridismo

e criouliização culturais. A perspectiva de uma Lisboa multicultural espelha a visão do músico sobre a cidade como um microcosmo do mundo, onde diversas temporalidades e linguagens convergem de forma a criar um lugar diluído de fronteiras que anuncia a ideia de que todos são parentes⁴. Assim, ao assumir um compromisso com essa mensagem, Dino D’Santiago articula paralelos entre o seu papel, a sua intenção, a sua ação e a sua criação final, tornando a música um espaço onde as transformações sociais se manifestam. Enquanto artista «promissor com uma profecia para oferecer»⁵ e figura central na história contemporânea da música portuguesa, o compromisso com os tempos e lugares envolvidos na sua criação revela a harmonia das dinâmicas que a moldam, o que relacionam entre si e o que estabelecem com o conjunto do qual fazem parte. Em suma, Portugal é o berço, Cabo Verde, o sítio, e Dino D’Santiago, um «homem em missão»⁶.

CAPÍTULO 1

**EU SOU, TU ÉS,
ELE É... ESCRAVO
DO PASSADO⁷**

1.1. A DESCENDÊNCIA E OUTROS PRETÉRITOS

Dino D’Santiago, nome artístico de Claudino de Jesus Borges Pereira, é um músico português nascido a 13 de dezembro de 1982 na cidade de Quarteira, no Algarve. Os seus pais, Andreza e Jorge, naturais da ilha de Santiago, em Cabo Verde, integram o conjunto de emigrantes oriundos das antigas colónias portuguesas em África que vieram para Portugal à procura dos «sonhos prometidos»⁸. Essa tentativa era motivada pela busca de oportunidades de trabalho, não apenas pelos pais de Dino D’Santiago, mas também por muitos outros migrantes oriundos de Angola, da Guiné-Bissau, de Moçambique e de São Tomé e Príncipe. Os fluxos migratórios para Portugal estão intrinsecamente ligados à história colonial, especialmente em relação a África, visto que Portugal manteve durante séculos um império colonial nesse território e, como resultado, os múltiplos movimentos de pessoas influenciaram a paisagem do país e a sua identidade⁹. Por essa razão, tanto a herança do passado colonial quanto os processos de integração na sociedade portuguesa resultam em esferas de sociabilidade distintas que colocam cada comunidade em

diferentes níveis de análise e reflexão¹⁰. No caso específico de Cabo Verde, a migração para Portugal iniciou-se nos séculos XVI–XVII e o seu fluxo constitui uma extensa narrativa de deslocamentos e movimentos, tornando-o um dos mais significativos em termos históricos e absolutos para o país.

A comunidade cabo-verdiana em Portugal possui uma extensa rede de contactos, tanto formais quanto informais, que resultam de longos séculos de interação entre Portugal e Cabo Verde iniciada durante a época colonial e prolongada até à atualidade. O encontro estabeleceu-se por volta de 1460 e marcou o início da ocupação portuguesa nas ilhas e o estabelecimento de relações coloniais que moldaram profundamente o destino do arquipélago. Durante muito tempo, Cabo Verde desempenhou o papel de entreposto de escravizados africanos por ser uma fonte que sustentava o colonialismo português na Ásia, África e América¹¹. Desde a utilização de mão de obra escravizada até às migrações forçadas de trabalhadores cabo-verdianos para São Tomé e Príncipe, passando pelo recrutamento por substituição de mão de obra dos anos 1960–1970 e pelos acordos de recrutamento temporário de trabalhadores do final dos anos 1990, a densa rede migratória é a realidade do arquipélago e Portugal, o cenário principal da sua existência¹². Na segunda metade do século XIX, as condições de vida precárias nas ilhas impulsionaram a emigração, sendo que o primeiro destino da população foi a região sul dos Estados Unidos, tornando-se a preferência dos cabo-verdianos até ao final da década de 1950¹³. Nos anos 1960, o fluxo migratório intensificou-se

e Portugal tornou-se o destino preferencial. Esta intensificação ocorreu devido à escassez de mão de obra resultante da manutenção da guerra colonial e da emigração em massa dos portugueses para França. Neste contexto, a comunidade cabo-verdiana desempenhou um papel crucial no equilíbrio e subsistência de determinados setores do mercado de trabalho¹⁴. Com a entrada de mão de obra não-qualificada, mas conjunturalmente necessária, em Portugal, o fluxo laboral de trabalhadores cabo-verdianos integrou setores de baixos salários: enquanto os homens trabalhavam na construção e nas obras públicas, as mulheres trabalhavam em serviços domésticos, limpeza, restauração e hotelaria¹⁵. Nos anos 1970, na segunda e maior fase migratória, esta rede de suporte já estabelecida consolidou-se¹⁶. O fluxo de migrantes era predominantemente composto por indivíduos provenientes de comunidades rurais da ilha de Santiago, como o pai de Dino D'Santiago, que chegou a Portugal em 1971¹⁷.

Durante a década de 1980, após o 25 de Abril de 1974, a terceira fase migratória tornou-se maciça, especialmente devido ao processo de independência de Cabo Verde e das restantes colónias portuguesas em África. Entre as décadas de 1960 e 1980, a migração africana para Portugal ocorreu não apenas por motivos económicos, principalmente relacionados com o recrutamento de mão de obra para suprir as necessidades de expansão industrial e dos projetos de construção civil, mas também por razões políticas relacionadas com o processo de descolonização. A mãe de Dino D'Santiago acompanhou esse movimento migratório e foi nesse contexto que chegou a Portugal. Neste período,

o mercado de trabalho enfrentava limitações e os trabalhadores migrantes eram direcionados para nichos específicos já atribuídos.

Ao longo desses movimentos, a concentração migratória ocorria, na sua maioria, na Área Metropolitana de Lisboa (AML). O influxo laboral atraiu não apenas a população cabo-verdiana, mas também indivíduos provenientes das antigas colónias portuguesas em África e, por esse motivo, na década de 1960, o crescimento demográfico da capital portuguesa deu origem à primeira expansão urbana informal. O intenso fluxo migratório ocorrido após a descolonização colocou pressão adicional sobre o mercado habitacional, resultando no aumento da construção de habitações informais. A expansão de bairros residenciais por toda a periferia juntou as populações ao longo dos concelhos pertencentes à AML, como Loures, Odivelas, Amadora, Oeiras, Cascais, Sintra, Almada, Barreiro, Seixal e Setúbal¹⁸. A escolha da AML como área preferencial de fixação decorreu dos processos de inserção laboral e dos mecanismos de regulação social, em que o Algarve também desempenhou um papel significativo. À medida que a região iniciava o seu desenvolvimento turístico, os critérios de atração multiplicavam-se com o surgimento dessa indústria. Foi nesse contexto que o pai de Dino D'Santiago saiu do interior da ilha de Santiago para se estabelecer no Algarve, onde encontrou emprego nos setores que, na época, mais necessitavam de mão de obra, como a construção civil e obras públicas¹⁹. Seguindo esse fluxo migratório, a mãe de Dino D'Santiago também se mudou de Cabo Verde para o Algarve, com o objetivo de trabalhar

nos setores de hotelaria/restauração e serviços domésticos/sociais²⁰.

Quando se estabeleceram no Algarve, o processo de reagrupamento familiar levou-os a Quarteira, mais precisamente ao Bairro dos Pescadores, onde Dino e os seus dois irmãos, Elísio e Lígia, nasceram e cresceram. A família permaneceu quinze anos nesse bairro até mudar para o Bairro da Abelheira, em 1997, devido à demolição do anterior. Apesar da mudança de localidade, as condições e circunstâncias quotidianas permaneceram inalteradas ao longo do tempo²¹. A condição laboral dos pais manteve-se e as circunstâncias associadas também, refletindo a persistência das condições sociais frágeis em que viviam. Embora houvesse uma diversidade de profissões exercidas por muitos cabo-verdianos em Portugal, a concentração laboral predominava nos setores mencionados anteriormente. A permanência dos seus pais nas respetivas posições laborais indica uma barreira de acesso a outras profissões e, por isso, uma certa instabilidade nas oportunidades de emprego disponíveis. Esta situação estava intrinsecamente ligada a conjunturas de mercado e a normas impostas pela condição de trabalharem por conta de outrem ou em setores secundários dominados por estratégias informais de trabalho²². A precariedade laboral impunha a aceitação de empregos a tempo parcial ou de duração limitada, caracterizados pela vulnerabilidade em termos salariais e contratuais, insegurança laboral e ausência de um sistema formal de carreira. Essa realidade reflete não apenas as limitações enfrentadas pelos trabalhadores migrantes em Portugal, mas também as dinâmicas

complexas do mercado de trabalho, especialmente para aqueles com pouca qualificação ou experiência, como jovens recém-chegados ao mercado de trabalho, ou aqueles que pertenciam a categorias sociais mais vulneráveis, como desempregados de longa duração, mulheres, minorias étnicas e migrantes ilegais²³. Devido à instabilidade financeira, aos baixos salários e à limitada mobilidade ascendente, as práticas económicas dos grupos envolvidos eram restritas e muitas vezes insuficientes para garantir uma qualidade de vida adequada. A falta de apoio social exacerbou ainda mais essas dificuldades, arrastando problemas adicionais relacionados com a integração social, exclusão, marginalização, desqualificação social e urbana, segregação, insegurança e criminalidade. Essas dificuldades eram especialmente dominantes nas áreas periféricas, onde as comunidades migrantes tendiam a concentrar-se, refletindo a vulnerabilidade desses grupos diante das condições socioeconómicas desfavoráveis e da falta de políticas públicas eficazes para lidar com as suas necessidades específicas. O impacto mais evidente ocorria nas formas de acesso à habitação, com implicações no crescimento e na organização do espaço urbano. A carência e a escassez habitacional levaram a maioria dos migrantes a estabelecerem-se nas periferias dos centros urbanos e a formarem bairros de lata, caracterizados por habitações improvisadas feitas de materiais como chapas de zinco, placas de madeira, tijolos e cimento²⁴. Essas construções eram frequentemente erguidas em terrenos ilegais, apresentando condições habitacionais precárias e infraestruturas básicas incompletas, como a carência de água potável,

eletricidade e saneamento. As privações enfrentadas por Dino D’Santiago e pela sua família eram evidentes em vários aspetos do seu quotidiano. A falta de acesso a água potável, por exemplo, era uma realidade, refletida no facto de o músico recordar o seu primeiro banho de banheira aos 15 anos de idade. Além disso, a experiência de lidar com a fome era uma constante para Dino D’Santiago e os seus irmãos, como revelado pelo contínuo «roncar da barriga com fome»²⁵. A memória persistente e desconfortável da infância era transformada em brincadeira quando associava o som do estômago vazio ao rugido de um leão, talvez como forma de amenizar a dura realidade. A gestão dos recursos alimentares era também um desafio diário para a família, como exemplificado pela necessidade de dividir seis iogurtes entre sete dias para Dino D’Santiago e os seus irmãos²⁶. Os invernos rigorosos representavam mais uma dificuldade, pois a inundação da habitação nesse período agravava ainda mais a carência familiar, criando um cenário difícil e desafiador para a sua família. A esses episódios somava-se a presença indesejada de ratos, baratas e osgas que invadiam a residência com a água das chuvas²⁷. A adversidade das condições também se refletia no ambiente doméstico, onde a convivência com toxicodependentes e as suas famílias era uma realidade constante. Muitas vezes, essas famílias recusavam o quadro de dependência dos seus familiares e acabavam por enviá-los para o Bairro dos Pescadores com a expectativa de lá encontrarem um destino fatal²⁸. Além disso, o trabalho ilegal que Dino desempenhou aos 13 anos num restaurante chinês, a servir às mesas, ilustra

não apenas a complexidade da vida familiar, mas também a da dinâmica social onde se inseria. Essa experiência era partilhada por muitos jovens de Quarteira, que trabalhavam na restauração em Vilamoura durante o verão para ajudar nas despesas diárias das suas famílias²⁹. Esses jovens, na sua maioria descendentes de famílias naturalizadas de Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Senegal, Marrocos, núcleos provindos dos Países de Leste e do Norte do Brasil e expatriados da África do Sul, enfrentavam complexidades familiares e disfunções associadas às suas estruturas sociais³⁰.

O espaço urbano que Dino D'Santiago e esses jovens integravam apresentava um conjunto de desafios e necessidades que lhes permitia transitar entre o meio físico e social, trazendo à superfície as configurações culturais e sociabilidades diárias, bem como as estruturas emergentes de interação e organização social. Embora a forma como esses jovens geriam a sua realidade fosse guiada por modelos baseados em memórias familiares, a convivência e o diálogo com múltiplas comunidades permitiu não apenas a ampliação das suas experiências diárias e a exploração das suas identidades juvenis, como também a reinterpretação e ressignificação de lugares e eventos que ocorriam a partir do bairro³¹. Essas interações, impulsionadas pelos fluxos migratórios, provocaram uma transformação profunda na composição e estrutura social portuguesa, fazendo surgir novas formas de organização e reconfigurando assim a paisagem social do país. No caso de Dino, as práticas construídas enriqueceram-no com novas perspectivas, possibilidades e formas de expressão.

**«Este livro não é só sobre mim. É sobre todos nós.
Sobre aqueles que, como os meus pais, carregaram o mundo
nos ombros sem nunca reclamar. Sobre os que vieram antes de nós,
que cantaram o Funaná quando o mundo ainda não estava a ouvir.
E sobre os que virão depois, inspirados por esta jornada,
para que nunca mais tenham de caminhar sozinhos.**

Dino D'Santiago, *in* Prefácio

Dino D'Santiago é um dos grandes nomes da música portuguesa contemporânea. Amplamente distinguido pela crítica nacional e internacional, o músico revela um percurso artístico que traça paisagens representativas da sua identidade e reflete as formações sociais e históricas em que surge. Mais do que um autorretrato, a sua música é uma interpretação e representação coletivas.

Explorando esse trajeto, este livro procura enquadrar a diversidade de expressões presentes na obra do artista e apontar as camadas de sentido que contribuem para a sua construção.

Enquanto epicentro da sua criação, a Lisboa que Dino denomina de «Nova» destaca-se pela diversidade de fluxos e pela singularidade dos encontros que motiva a reinterpretação dos vínculos entre Portugal e Cabo Verde. A Lisboa multicultural espelha a visão do músico sobre uma cidade enquanto lugar diluído de fronteiras que anuncia a ideia de que todos são parentes — uma visão que estimula a criação de um espaço onde a tradição e a inovação coexistem e se alimentam mutuamente.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
f penguinlifestylept
p penguinlivros

ISBN 9789895831920



9 789895 831920 >